

Rumos da modernização também preocupam

O GLOBO

18 DEZ 1992

WASHINGTON — A grande preocupação dos credores privados e oficiais do país é com a direção que tomará o Governo brasileiro. Há cada vez mais dúvidas de que o presidente Itamar Franco vá manter as promessas de modernização, estabelecendo de fato uma economia de mercado e promovendo as reformas necessárias. O adiamento das privatizações reforçou isso.

Em São Paulo, Igor Cornelsen, diretor do banco alemão Standard Chartered West LB, já havia manifestado ao "Wall Street Journal" um sentimento idêntico ao ser ouvido ontem em Nova York:

— Itamar está enviando sinais equivocados aos investidores. O Brasil não sabe para onde vai —

dissera ele.

Nos Estados Unidos, Peter McPherson, vice-presidente do Bank of America, definiu o país da mesma forma, mas com outras palavras:

— O Brasil é a incerteza dominante — disse ele.

Nos corredores do FMI e do Bird, a palavra "incerteza" também é freqüente, quando o objeto de uma conversa é o Brasil. Mas ali se notam outros dois adjetivos constantes no vocabulário. Alguns não hesitam em falar em "governo populista" ao se referirem a Itamar Franco. Outros, com uma longa história de contatos com o país, demonstram ter dominado com mestria o idioma: "embromação" é o termo usado para definir algumas

circunstâncias que têm cercado os passos do atual governo.

No campo prático, as apreensões continuam sendo traduzidas pela baixa do valor dos títulos da dívida brasileira nos mercados de Nova York e de Londres. Cada dólar desse débito valia ontem, no fechamento, 25 centavos e 7/8 — uma das cotações mais baixas nos últimos três anos. Na segunda-feira cada dólar valia 28 centavos. Os **exit bonds** brasileiros também tiveram grande queda: de 45,5 para 42 nesse mesmo período.

— O mercado para os papéis do Brasil está muito baixo, e ninguém está negociando — disse um operador da financeira Shearson Lehman Hutton. (J.M.P.)